

SOBRE TEMPOS E VIDAS: ARQUEOLOGIA E OCUPAÇÕES EM SERRA LESTE DE CARAJÁS. AMAZÔNIA

Tallyta Suenny Araujo da Silva¹

Todo lugar possui uma história vinculada com a vida de organismos, sejam humanos ou não humanos, dos quais podemos encontrar vestígios relacionados às suas existências que nos ajudam a trançar narrativas sobre os mesmos e sobre os lugares em que estiveram. Esse trabalho está vinculado à pesquisa que desenvolvo no Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade Federal do Pará intitulado “Riquezas da terra: paisagens e ocupações em Serra Leste de Carajás”, sob a orientação da Profa. Dra. Denise Pahl Schaan (in memoriam) e Profa. Dra. Jane Felipe Beltrão. O projeto visa analisar diferentes momentos de ocupação na região de Carajás, tendo como foco três períodos: (1) as ocupações arqueológicas em cavidades no período pré-colonial; (2) as ocupações em sítios a céu aberto no período pré-colonial; e (3) a ocupação de garimpeiros na área de Serra Pelada.

Os recortes feitos estão associados à minha experiência como integrante do projeto de arqueologia preventiva intitulado “Programa de Prospecção e Educação Patrimonial em Serra Leste, Curionópolis/PA” (Schaan 2016; Schaan, Oliveira, Almeida 2011; Schaan, Santos, Oliveira 2011), coordenado pela arqueóloga Profa. Dra. Denise Schaan. Durante o projeto de arqueologia foi constatado que os sítios prospectados e escavados sofreram impactos e guardam vestígios relacionados com as ocupações mais recentes na região: a exploração mineral e as fazendas agropecuárias. Com isso, se para compreender o processo de formação do registro arqueológico dos sítios da região era necessário considerar a influência dessas ocupações posteriores, ao estar em Carajás é possível sentir o quanto a história da exploração mineral faz parte do presente do lugar e das vidas das pessoas que lá habitam.

A região de Carajás teve seu potencial mineral descoberto no final da década de 1960, quando a empresa norte-americana Meridional decidiu realizar um voo magnetométrico sobre uma área anteriormente explorada pela empresa Prospec S.A. - Prospecções e Aerolevantamentos, que se localizava entre os rios Tocantins e Xingu, no estado do Pará (Rezende 2009). Ao se tornar um projeto da então estatal Companhia Vale do Rio Doce, a instalação do Programa Grande Carajás foi vista como algo benéfico pelo governo militar, que poderia instalar nessa nova frente de expansão seu projeto de colonização do “vazio demográfico” amazônico (Rezende 2009). O ouro foi, entretanto, encontrado alguns anos

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia/ UFPA. E-mail: tallytasuenny@gmail.com.

depois, entre o final do ano de 1979 e início de 1980; esse metal precioso foi descoberto na fazenda Três Barras, do criador de gado Genésio Ferreira da Silva. A presença de ouro não ficou em segredo por muito tempo e, em março de 1980 já era possível contabilizar 5.000 pessoas trabalhando em vários barrancos (Cleary, 1992).

Com a migração intensa para a área, foi formada a vila de Serra Pelada, onde por muitos anos foi proibida a entrada de mulheres, familiares e bebidas alcoólicas devido ao controle exercido pelos militares (Cleary, 1992). A permanência da exploração manual do ouro e a presença dos garimpeiros não foi incontestavelmente aprovada pelos interessados no setor mineral. As primeiras pressões ocorreram ainda em 1980, impulsionadas pela Companhia Vale do Rio Doce, que pressionava o Ministério de Minas e Energias para que reafirmasse que a lavra manual de ouro em Serra Pelada tinha caráter provisório, e que em breve a exploração seria transferida para a empresa (Cleary, 1992). A transferência do direito de lavra para a mineradora, não obstante, foi ano a ano adiada, pois o governo militar receava que o término repentino do garimpo pudesse ocasionar conflitos agrários (Kostcho 1984).

O embate dos garimpeiros contra o término da lavra manual recebeu forte repressão no ano de 1987, quando o então governador do estado do Pará, Hélio Gueiros, ordenou que as tropas policiais retirassem os grevistas que barravam a circulação na ponte sobre o rio Tocantins, em Marabá. A repressão ficou conhecida como Guerra da Ponte, ou Massacre de São Bonifácio, no qual oficialmente foi anunciada a morte de dois indivíduos e outros poucos feridos, mas os garimpeiros denunciavam as notícias repassadas, afirmando que havia maior quantidade de pessoas que teriam sido vítimas da repressão violenta e que estavam desaparecidas (Guerra de São Bonifácio 2010).

Após o massacre, a exploração manual do ouro continuou, enquanto a violenta repressão seguiu impune. O garimpo de Serra Pelada só foi oficialmente encerrado em 1992, no decorrer do tempo, até a chegada dessa data, e, inclusive até hodiernamente, os garimpeiros confrontaram o governo brasileiro e as instituições relacionadas com o setor mineral em defesa de seus direitos, mesmo que tivessem que enfrentar novos atos repressivos. Vários garimpeiros deixaram Serra Pelada, enquanto alguns permanecem no vilarejo, seja pela impossibilidade de sair da vila seja pela esperança de ressarcimento, os garimpeiros, assim, seguem mantendo uma “paisagem de resistência” (Bezerra 2015:222), paisagem que acumula a história do habitar de diferentes temporalidades (Ingold 2000).

Foram essas diferentes temporalidades que observamos em alguns dos sítios prospectados e nos três sítios escavados durante a pesquisa arqueológica em Serra Leste de Carajás. Nas duas cavidades escavadas SL-47: Tyto Alba e SL-79: Samambaia do inferno foram encontrados vestígios materiais da presença recente de pessoas nesses espaços nas últimas décadas, como carvões de fogueiras (Schaan 2016). Em outras cavidades foram encontrados fragmentos de garrafas, latas de metal e túneis escavados por garimpeiros. O sítio a céu aberto SL-01: Serra Leste 1 encontra-se na área de uma fazenda, distante aproximadamente 2,5 km da Vila de Serra Pelada. As datações associadas ao material arqueológico encontrados nesses sítios encontram-se entre 7.000 a 2.000 A.C, para as cavidades e entre 6.000 a 3.000 A.C. para o sítio

a céu aberto (Schaan 2016), atestando, assim, a presença e participação de grupos humanos na formação e transformação da paisagem em Carajás em uma longa duração.

A presença humana em tempos remotos em Carajás e sua participação na antropização das paisagens foram atestadas também nas áreas da Serra Norte e Serra Sul de Carajás (Caldarelli, Costa, Kern 2005; Kipnis, Caldarelli, Oliveira 2005; Lima 2013; Magalhães 2016, 2006, 2005; Silveira 1994). Povos com culturas materiais e domínios técnicos distintos estiveram pela região e tanto a presença de objetos como a distribuição de certos espécimes da flora ajudam a atestar a presença humana na região desde tempos remotos. Essas modificações possuem escalas distintas, conforme as tecnologias disponíveis, o período de tempo e a quantidade de indivíduos que se instalaram em um determinado espaço, e as intenções dos indivíduos, mas por meio da análise da cultura material, da química dos solos, da vegetação existente nas redondezas, e de outros fatores, é possível perceber a presença humana em uma paisagem, e evidenciar que independentemente da intensidade de transformação nas paisagens, todas são evidências e testemunhos das interações das pessoas que ali viveram.

As primeiras pesquisas arqueológicas em Carajás foram feitas nas margens dos rios Parauapebas e Itacaiúnas, juntamente com a inspeção preliminar em quatro cavidades na Serra Norte (Simões, Lopes 1983). Três anos após esse primeiro estudo, a pesquisa sistemática foi iniciada, quando, entre outras cavidades, foi escavada a Gruta do Gavião, que ganhou destaque ao revelar os primeiros dados sobre a presença remota, datando de aproximadamente 8.000 A.P., de grupos caçadores-coletores em Carajás (Magalhães 2005, Silveira 1994). A importância das descobertas arqueológicas de ocupações remotas em Carajás foi importante para rever as teorias vigentes à época, de que a Amazônia, por ser um ambiente de floresta tropical, seria um espaço inóspito e não propício para a presença de grupos que não praticassem a agricultura (Magalhães 2006; Bailey et al. 1989; Bailey & Headland 1991; Headland, 1987).

As últimas décadas de pesquisa na região possibilitaram a ampliação do conhecimento sobre o uso de plantas, a alimentação, a tecnologia cerâmica e lítica e os espaços pelos quais os grupos humanos circularam (Lima 2013; Magalhães 2016; Oliveira 2007). Associando os estudos arqueológicos, antropológicos, relatos etnohistóricos e outras fontes é possível ampliar o conhecimento sobre a história do habitar na região. A entrada de membros da sociedade colonial nesse espaço se deu no contexto das bandeiras que percorriam os sertões dos territórios apossados pela coroa portuguesa (Ferreira 1960), e prosseguiu por meio da exploração econômica de diferentes recursos, como o caucho e a castanha, além da pecuária (Almeida 2008, 2016). A instalação dos projetos minerais em Carajás trouxe novos grandes impactos para a vida dos grupos indígenas que permanecem na área (Treece 1987). Afetando, assim, não somente as populações indígenas, mas como também visto para o caso dos garimpeiros que constituíram a vila de Serra Pelada, a vivência e direitos de outros grupos historicamente minorizados.

Algumas dessas histórias e memórias foram parcialmente ou integralmente olvidadas, enquanto umas não estão registradas em fontes escritas, precisando serem escavadas, ouvidas, registradas e retransmitidas. Se essas histórias de vidas podem ser contadas desde as plantas que consumiram até as falas que nos narram suas experiências, o estudo, registro, respeito e preservação são importantes para que conheçamos a longa duração do habitar nas paisagens. Os

projetos ditos de “desenvolvimento” colocam normalmente em risco a descoberta, registro e preservação dessas histórias e memórias, principalmente quando as devidas fiscalizações não são feitas para que as pesquisas arqueológicas, ambientais e socioeconômicas sejam conduzidas das melhores formas possíveis. Quando apenas o “progresso” e o capital são priorizados se coloca em jogo não apenas o conhecimento sobre o passado longínquo, mas também o passado ainda presente, e o próprio presente.

Referências

- Almeida, J. J. A cidade de Marabá sob o impacto dos projetos governamentais. Dissertação (Mestrado em História Econômica). Programa de Pós-Graduação em História Econômica. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- _____. 2016. A castanha no médio Tocantins Paraense. A Castanha do Pará na Amazônia: entre o extrativismo e a domesticação. São Paulo: Paco Editorial.
- Bailey, R. C.; T. N. Headland. 1991. The tropical rain forest: is it a productive environment for human foragers? *Human Ecology* 19(2):261-285.
- Bailey, R. C.; G. Head; M. Jenike; B. Owen; R. Rechtman; E. Zechenter. 1989. Hunting and gathering in tropical rain forest: is it possible? *American Anthropologist* 91(1):59-82.
- Bezerra, M. 2015. Na beira da cava: arqueologia, educação patrimonial e direitos humanos em Serra Pelada, Pará, Amazônia. *Revista de Arqueologia* 28(2): 216-228.
- Caldarelli, S. B.; F. A. Costa; D. C. Kern. 2005 Assentamentos a céu aberto de caçadores-coletores datados da transição Pleistoceno final/Holoceno inicial no Sudeste do Pará. *Revista de Arqueologia* 18 (1): 95-108.
- Cleary, D. 1992. A garimpagem de ouro na Amazônia: uma abordagem antropológica. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Ferreira, M. R. 1960. O mistério do ouro dos Martírios: desvendando o grande segredo das bandeiras paulistas. São Paulo: Biblos.
- Guerra de São Bonifácio. 2010. Guerras desconhecidas do Brasil. O Estado de São Paulo. São Paulo, ano 0 n. 0: 20-21, 19 de dez. 2010.
- Headland, T. N. 1987. The wild yam question: How well could independent hunter-gatherers live in a tropical rain forest ecosystem? *Human Ecology* 15(4): 463-491.
- Ingold, Tim. 2000. The temporality of the landscape, in *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. T. Ingold, pp. 189-208. London: Routledge.
- Kipnis, R.; S. B. Caldarelli; W C. Oliveira. 2005. Contribuição para a cronologia da colonização amazônica e suas implicações teóricas. *Revista de Arqueologia* 18(1):81-93.
- Kostcho, R. 1984. Serra Pelada: uma ferida aberta na Selva. São Paulo: Editora Brasiliense.

Lima, A. P. As cavidades, as fontes minerais e as pessoas nos platôs da Serra Norte de Carajás durante o Holoceno. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal do Pará, Belém, 286 f.

Magalhães, M. P. 2016. *Amazônia antropogênica*. Belém: MPEG.

_____. 2006. O homem das cavernas de Carajás, in *Carajás: geologia e ocupação humana*. Organizado por J. B. G. Teixeira, e V. R. Beisiegel. Belém: MPEG, 2006. p. 91-126.

_____. 2005. *A Phýsis da origem: o sentido da história na Amazônia*. Belém: MPEG.

Oliveira, W. C. 2007. *Caçadores coletores na Amazônia: eles existem*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 145 f.

Rezende, N. P. de. 2009. *Carajás: memórias da descoberta*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio.

Schaan, D. P. 2016. *Programa de Arqueologia Preventiva em Serra Leste, Curionópolis, Pará. Relatório Final*. Belém, 153 p.

Schaan, D. P., W. C. d. Oliveira e M. B. Almeida. 2011. *Programa de Prospecção e Educação Patrimonial em Serra Leste, Curionópolis/PA. Primeiro Relatório Parcial*. PPGA / UFPA. Inédito, 116 p.

Schaan, D. P.; A. Santos; W. C. Oliveira. 2011. *Programa de Prospecção e Educação Patrimonial em Serra Leste, Curionópolis/PA. Segundo Relatório Parcial*. PPGA / UFPA. Inédito, 157 p.

Silveira, M. I. 1994. *Estudo sobre estratégia de subsistência de caçadores-coletores pré-históricos do sítio Gruta do Gavião, Carajás/PA*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós em Arqueologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 160 f.

Treece, D. H. 1987. *Bound in Misery and Iron: the impact of the Grande Carajás Programme on the Indians of Brazil*. London: Survival International.